

As mídias como ferramenta para inovação na educação escolar

Bárbarah Carolina Soares da Silva Costa Gomes
Gleides Ander Nonato

1. Introdução

Pensar a educação desconexa da realidade cultural é um desleixo. As mídias estão presentes em nosso dia a dia e elas também podem ser incorporadas à educação e, com isso, todos os envolvidos serão beneficiados. As aulas podem se tornar mais dinâmicas, interessantes e contextualizadas e, por conseguinte, elevando a qualidade da educação.

As mídias proporcionam a comunicação, que pode ser um canal usado para transmitir conhecimento. Logo, pensar comunicação para educação no século das novas mídias é imprescindível, segundo Oliveira (2004).

Educar para a comunicação, “educação para a mídia”, “educar com os meios”, “educomunicação” “mídia- educação”, caracterizam conceitos que discutem a inclusão das mídias no espaço escolar, tanto no aspecto educacional, como no comunicacional. Refletir um processo educacional

que valorize um contato maior com os meios de comunicação é algo que se vislumbra como uma possibilidade, tanto educacional como comunicacional. (OLIVEIRA, 2004, p.29)

Sabe-se também que as novas tecnologias podem criar situações que proporcionam vivências diferentes das inseridas no repertório cultural do aluno. Contudo, em muitos casos, elas são vistas como vilãs no processo de aprendizagem, por proporcionar um ambiente informal e que pode ser interpretado como evasivo do foco dos estudos. Porém, essa tecnologia pode instrumentalizar o professor, criar situações de comunicação, melhorar o processo de buscas e outras situações que podem beneficiar o processo de aprendizagem.

Percebe-se, assim, que este meio de interação digital pode auxiliar no processo de aprendizagem e integrar a educação às mídias em prol de excelentes resultados para alunos, professores e sociedade.

O presente artigo visa pesquisar como as mídias podem ser uma ferramenta para ampliar o repertório cultural dos discentes e, portanto, podem facilitar o processo de aprendizagem. Objetiva também mostrar a pertinência do tema, seu contexto e aplicação; apresentar benefícios que as novas tecnologias podem oferecer ao ensino.

Para execução deste trabalho foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica acerca da temática. Para Gil (2002), alguns procedimentos técnicos são utilizados nas metodologias de trabalhos. Entre eles, a pesquisa bibliográfica. Trata-se da primeira investigação a ser feita em qualquer pesquisa e se apoia em publicações já existentes sobre o assunto a ser analisado. Para este trabalho, em específico, dedicou-se à leitura de artigos, livros, dissertações e teses cujos autores debruçaram-se sobre a temática aqui discutida. Dedicou-se, ainda, à pesquisa documental, uma vez que discutir educação demanda visitas à Lei de Diretrizes e Bases, bem como todas as diretrizes que regem o ensino.

Para este artigo organizaram-se os tópicos discursivos partindo da visão de uma escola não tecnológica, muitas vezes, arcaica. Percorreu-se pela temática dos desafios que se encontra para inclusão da cultura digital (que abarca também as mídias) nas escolas. Mais adiante tratou-se dos caminhos possíveis para trazer a inovação para a sala através do uso das mídias. No primeiro

tópico abordou-se como a interatividade pode estar presente no processo educacional, outro aspecto observado foram as iniciativas governamentais, como por exemplo, a inclusão de competências relacionadas à cultura digital, na Base Nacional Comum Curricular. Ademais apresentou-se uma crescente área do conhecimento que trata da interseção da comunicação e educação, ou seja, comprova-se a pertinência deste artigo que tem por finalidade suscitar discussões acerca da temática.

2. Uma escola mais interativa por meio das mídias

2.1 Um mundo digital, uma escola arcaica

Fazer uma busca no *Google*, acessar blogs, ler sites, participar das redes sociais, comunicar-se por meio do celular e fazer usos de outras tecnologias são ações que parecem estar intrínsecas ao cotidiano do homem no século XXI. Ou seja, este relaciona-se corriqueiramente com as mídias.

Conceituar as mídias não é uma tarefa simples, pois existem várias definições. Para Gonnet (1997), essas podem ser: instituições como Estadão, Rede Globo, BCC; podem ser gêneros como jornais, revistas; ou podem ser técnicas como internet, rádio. Porém, todas com um objetivo comum que é a comunicação e, portanto, as mídias são diversas e permitem instaurar uma interatividade. Para Gosciola (2003), as mídias são um campo que têm por delimitação as tecnologias digitais.

As tecnologias não só fazem parte do nosso dia a dia, mas também são imprescindíveis para o homem moderno. Este está mergulhado, cada vez mais, no universo da agilidade, das respostas prontas e rápidas, das soluções. Para Bauman (2004), o avanço tecnológico já caracteriza uma revolução, chamada de revolução tecnológica, que tornou o adjetivo rápido como premissa e uma palavra de ordem.

Mesmo diante de um novo mundo que a tecnologia nos proporciona, identificam-se em muitas escolas: professores apenas com quadro e marcador, alunos enfileirados um atrás do outro, ou seja, a tecnologia ainda não mudou a rotina de muitas escolas. Para Baccega (2009), falar acerca da tecnologia e a educação é prioritário.

Este processo comunicação/educação merece o lugar de segmento prioritário das teorizações e das pesquisas de campo da comunicação, pois permite que se leve em conta, sobretudo, o papel da mídia na configuração da cultura. (BACCEGA, 2009, p.32)

Para Gonnet (1997), os jovens mantêm uma relação cada vez mais próxima à tecnologia, e estas (videogames, internet) estão cada vez mais integradas ao dia a dia deles. Silva (2002) sugere uma atenção ao digital, que ele conceitua como “existência imaterial das imagens, sons, textos” (SILVA, 2002, p.68). Apesar dos jovens estarem cada vez mais perto das tecnologias, a escola parece não acompanhar esta evolução, ainda segundo Silva (2002). Para ele a escola nem se preparou para lidar com televisão, e tem agora o desafio de lidar com o digital.

Inovar é uma demanda mundial e inserir a tecnologia à educação também. Presencia-se hoje a ampliação da educação a distância, que também se consolidou e aumentou diante dos avanços tecnológicos. Para o autor Soares (2000) a explosão comercial da internet transformaria a forma como seria oferecida a educação.

Ainda não se passaram seis anos da explosão comercial da Internet e mais da metade das universidades americanas já estão oferecendo algum tipo de educação a distância. Através do uso das modernas tecnologias da comunicação, prevê-se que, para meados da primeira década do novo milênio, cerca de 60% do ensino do país esteja sendo ministrado fora dos ambientes tradicionais, ou seja inteiramente através do ciberespaço. (SOARES, 2000, p.13)

Com isso, percebe-se o aparecimento da chamada “Sociedade da Informação e do Conhecimento” que motiva mudanças no processo de aprendizagem associados às novas tecnologias digitais. E as escolas, como agentes integradores, podem utilizar as tecnologias como um fator transformador, para Belloni (2005):

A escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação -TIC - porque elas estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente a escola pública, atuar no sentido

de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando (BELLONI, 2005, p.10)

Contudo, para Silva (2002), a base do nosso ensino ainda é o material impresso, mesmo com os avanços tecnológicos oferecendo ricos recursos com o uso das palavras, imagens, sons para uma complexa e integral construção do conhecimento e potencialização do saber. Para Martín-Barbero¹ (apud SILVA, 2002), o livro segue e seguirá sendo a chave da primeira alfabetização, todavia existe uma segunda alfabetização, a chamada digital, que abre caminho para o mundo audiovisual e da informática.

Para Gonnet (1997) o livro didático foi a primeira mídia da escola e certamente a “legitimidade do conhecimento” (GONNET,1997, p.38). Assim como para Silva (2002), Gonnet (1997) também argumenta que esta mídia não precisa permanecer sendo a única fonte de informação e que se pode inclusive buscar conhecimento a partir de materiais disponibilizados pela mídia para então submetê-la à crítica.

Porém a interrogação sobre os livros didáticos vai além de experiências comparativas com outras fontes de informação e de suas avaliações nos sistemas educativos. A questão que se coloca no plano pedagógico poderia ser resumida da seguinte forma: por que não partir mais (ou tanto quanto) de materiais brutos que nos oferecem (que nos “impõem”) as mídias para aprender a estruturar os conhecimentos, para aprender a se distanciar das informações e submetê-las a uma abordagem crítica? (GONNET, 1997, p.39)

Esses autores propõem uma ação: a busca de conhecimento não só em livros didáticos, indicando uma multiplicidade de conexões. Para Silva (2002) a internet é um meio propício para interatividade, tendo em vista que se pode transmitir, ser entendido e ainda receber um retorno de uma mensagem, promover

1 Martín-Barbero, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

a participação, a bidirecionalidade. Portanto, segundo o autor a inovação na educação passa , também, pela interatividade intrínseca à internet.

2.2 Desafios para incluir as mídias na educação

A educação passa por grandes desafios e, entre eles, encontra-se o da comunicação e, mais pontualmente, o da cultura digital que, ao ser inserida na rotina dos indivíduos, promove a democratização e pode ser utilizada de forma crítica nas escolas.

Mas, para Silva (2002), para promover mudanças no seio da escola existem muitos entraves e a escola acaba ficando na defensiva “Em lugar de posicionar-se diante das experiências comunicacional vivida pelos alunos, a escola continua na defensiva”. (SILVA, 2002, p.68).

Segundo Baccega (2009), a mídia está tão presente na cultura que já não se pode questionar se ela poderá ser usada no processo educacional. Ainda para a autora as mídias são também educadoras e por elas passam também a construção da cidadania. A referida autora acredita que é salutar

[...] colocar em sintonia mídia e escola, aceitando que a escola já não é mais a único lugar de saber , que devemos relacionar-nos com os meios. E é esse lugar em que temos de esclarecer que modalidade de programação da mídia queremos para pavimentar as mudanças sociais no sentido da construção da efetiva cidadania. (BACCEGA, 2009. p 32)

Outro entrave, segundo Baccega (2009), pode ser a consolidação do campo de estudo da comunicação/educação. Para a referida autora, a complexidade do campo passa pelo reconhecimento que as mídias, assim como outras agências de socialização, são capazes de tornarem lugares para o saber. Portanto, para a autora perceber a mídia, apenas diante do fragmento: se ela deve ser ou não usada nas escolas é um entrave já que essa está intrínseca na cultura de alunos, pais, professores e cidadãos em geral.

A interpretação do mundo em que vivemos, mundo em cuja construção os meios de comunicação desempenham importante papel, é um dos desafios do campo. São os meios de comunicação que selecionam o que devemos conhecer, os temas a serem pautados para discussão e, mais

que isso, o ponto de vista a partir do qual vamos ver as cenas escolhidas e compreender esses temas. Por exemplo, recentemente se pautou a guerra no Iraque, a qual se iniciou com a cobertura ao vivo pela televisão. (BACCEGA, 2009. p.33).

Por isso, para Baccega (2009), a inclusão de temas como mediações, criticidade, informação e conhecimento, circulação das formas simbólicas, ressignificação da escola e do professor e outros, são imprescindíveis para abarcar a complexa área e sua interação com os indivíduos da sociedade.

Percebe-se também uma grande diversidade dentro do campo da comunicação/educação como: Economia, Política, Estética, História, Linguagens e outros saberes. E para a autora “A presença dos meios de comunicação é dinâmica: percorre do internacional, ao nacional, ao local; do individual, ao particular, ao genérico, entrelaçando-os, num movimento permanente de ir e vir.” (BACCEGA, 2009, p.35). Ou seja, entender a complexidade da comunicação, sua contextualização e aplicação no campo da educação, por ser também parte do processo da educação do indivíduo.

Para Lima (2007), um outro ponto que deve ser levantado é o preparo de professores, educadores e também os dirigentes escolares para cumprir a tarefa de incluir a comunicação na educação. Para a referida autora, os agentes precisam dialogar para promover o uso de recursos midiáticos como propagandas, filmes, palestras e estes podem

[...] suscitar uma leitura crítica dos produtos midiáticos e mostrar como é importante levar esse exercício para a sala de aula. Os debates propunham também, entre outros objetivos, que os professores passassem a pensar o seu cotidiano em sala de aula e de que modo poderiam lidar com a diversidade e a convivência inter-racial no espaço escolar. (LIMA, 2007, p.56)

Ao trabalhar a análise e a crítica de produtos das mídias eletrônicas e impressas a autora sugere um despertar crítico do aluno perante os meios de comunicação, da literatura, do cinema.

Ainda, segundo Silva (2002), a crise da educação não será solucionada apenas trazendo interatividade para a sala de aula com o uso das mídias, mas que a perspectiva atual da comunicação (emissor sendo o professor e receptor sendo o aluno) é um “descompasso evidente entre o modelo de comunicação emergente e o modelo hegemônico que subjaz à instituição escolar que é a transmissão”. (SILVA, 2002, p.158) Desse modo, propor mudanças nas práticas educacionais pode promover um diálogo que tem por finalidade apresentar ao aluno uma forma contemporânea e familiarizada de construir o saber.

3. Caminhos para promover a inovação por meio das mídias

3.1 Interatividade na sala de aula

Para se modificar as práxis comunicacionais na sala de aula, Silva (2002) apresenta fundamentos da interatividade que podem ser associados ao processo de aprendizagem, mas, para esta pesquisa, focaliza-se uma, em particular: o emissor (pode ser um professor, um aluno ou outro agente no processo) disponibiliza a possibilidade de múltiplas redes articulatórias, não propondo uma mensagem fechada. Ao contrário, oferecem-se informações em redes de conexões, permitindo ao receptor ter ampla liberdade de associações e significados. Esse fundamento pode equipar a sala de aula, tornando-a um ambiente propício para a educação para o nosso tempo. A interatividade é um caminho para modificar a rotina padronizada do processo de aprendizagem. A fotografia, o rádio, a televisão, o cinema, podem oferecer sons e imagens que representam o mundo, “ao fazer isso, adicionam também os processos do espaço social registráveis por esses equipamentos” (BRAGA; CALAZANS, 2001, p.31). Diante disso, os envolvidos no processo educacional terão subsídios materiais e representativos para que a interação aconteça com plenitude e a sala de aula seja um lugar interativo.

A sala de aula interativa baseia-se na vivência coletiva e na expressão e recriação da cultura. Nela a cultura deixa de ser tratada como reprodução mecânica. O factual, o conceitual e os princípios vindos da tradição são confrontados pela intervenção que modifica, que faz da aprendizagem

um processo encarnado na “materialidade da ação” e não transmitido. (SILVA, 2002, p.169).

Além da utilização das mídias, a autora Orifino (2006) defende a protagonização dos alunos na produção de mídia. Com isso, ela apresenta uma pedagogia dos meios pautada na participação, construção criativa dos alunos, e, portanto, a transformação do conhecimento através da linguagem da mídia, ou seja, usando produção de vídeos realizada (roterizada, filmada, editada e produzida) pelos alunos, por exemplo.

Por ser um ambiente formador, a escola pode propor, segundo Orifino (2006), uma inversão de ações diante das mídias. Ao invés dos alunos a usarem apenas para reflexões acerca da sociedade, eles podem agir efetivamente na produção de respostas às mídias propondo uma interação e não ficando apenas na posição de receptores e analíticos.

Para Orifino (2006), muito se fala em tecnologia educacional, educação a distância e plataformas multimídias, mas boa parte direciona-se para a instrumentalização. Entretanto, a referida autora propõe que a perspectiva debatida na tecnologia da educação, passe pelo “ponto de vista dos estudantes e tenha o objetivo de oferecer visibilidade e ampliação para as vozes silenciadas das crianças e adolescentes” (OROFINO, 2006, p.117). Ou seja, permitir que as mídias sejam usadas pelos alunos de forma ativa e não apenas analítica e que esteja condizente com a linguagem dos alunos. A autora propõe uma abertura da escola para vivenciar “uma nova aventura estética e política com o uso das mídias.” (OROFINO, 2006, p.118)

Propostas de uso dos meios de comunicação na escola tendem a falhar se não levarem em consideração o contexto de apropriação das mensagens da mídia, isto é, a realidade sociocultural dos estudantes. O uso das tecnologias de comunicação de modo dissociado do contexto ou fragmentado será instrumental (OROFINO, 2006, p.118).

Ainda para a autora, as tecnologias não serão sozinhas as responsáveis pela transformação do processo educativo, mas podem ser aliadas a um inovador projeto pedagógico e podem promover transformações nas relações educativas.

3.2 Iniciativas Governamentais

Para Gonnet (1997) as instâncias públicas participam no processo de promover a utilização das mídias no ensino. O autor apresentou algumas ações do governo francês para inovação, umas delas foi o “França em face do futuro” que integrava a TV, rádio e imprensa regional a fim de estruturar o saber dos alunos. Portanto, o governo é um agente que pode participar das ações em prol da inovação na educação.

No Brasil, em 2017, foi aprovada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nesta existem várias competências gerais para nortear o trabalho pedagógico da educação básica. Dentro das competências a serem desenvolvidas com os discentes, pode-se encontrar habilidades relacionadas ao universo digital. Esse fator demonstra uma possível aceitação da importância da temática. Dentre os objetivos propostos encontra-se: desenvolver no aluno a habilidade de compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de forma crítica, significativa e ética, o que comprava a contemplação da temática dentro da BNCC.

Dessa forma, a BNCC procura contemplar a cultura digital, diferentes linguagens e diferentes letramentos, desde aqueles basicamente lineares, com baixo nível de hipertextualidade, até aqueles que envolvem a hipermídia. (BRASIL, 2017, p.68)

Ainda na BNCC encontram-se objetivos relacionados à cultura digital, são eles: Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de forma crítica que pode promover a compreensão do impacto das tecnologias na vida das pessoas e na sociedade, incluindo nas relações sociais, culturais e comerciais; Utilização das tecnologias, mídias e dispositivos de comunicação modernos de forma ética, comparando comportamentos adequados e inadequados; Utilização de ferramentas multimídia e periféricos para aprender e produzir.

Analisar diferentes práticas (curtir, compartilhar, comentar, curar etc.) e textos pertencentes a diferentes gêneros da cultura digital (meme, gif, comentário, charge digital etc.) envolvidos no trato com a informação e opinião, de forma a possibilitar uma presença mais crítica e ética nas redes.(BRASIL, 2017, p.175)

Entender a tecnologia por trás de uma rede social pode ser um assunto interdisciplinar para um professor de física ou matemática. Discutir acerca das relações humanas, do sistema de venda e compra de produtos, o processo de comunicação, esses temas podem ser pauta para aulas de história, geografia. E todas essas ações estão em conformidade com a proposta pedagógica da nova BNCC. Os jovens podem aprender como as redes sociais são utilizadas como uma ferramenta, a qual é usada por grandes empresas, para convencer, manipular e vender ideias, assim como outras mídias.

A cultura digital perpassa todos os campos, fazendo surgir ou modificando gêneros e práticas. Por essa razão, optou-se por um tratamento transversal da cultura digital, bem como das TDIC, articulado a outras dimensões nas práticas em que aparecem. De igual forma, procurou-se contemplar formas de expressão das culturas juvenis, que estão mais evidentes nos campos artístico-literário e jornalístico/midiático, e menos evidentes nos campos de atuação na vida pública e das práticas de estudo e pesquisa, ainda que possam, nesse campo, ser objeto de pesquisa e ainda que seja possível pensar em um vídeo-minuto para apresentar resultados de pesquisa, *slides* de apresentação que simulem um *game* ou em formatos de apresentação dados por um número mínimo de imagens que condensam muitas ideias e relações, como acontece em muitas das formas de expressão das culturas juvenil. (BRASIL, 2017, p.83)

O governo Federal criou, em 2010, o programa “ProInfo” (Programa Nacional de Tecnologia Educacional) que tem o objetivo de levar às escolas públicas e de educação básica o uso pedagógico da informática por meio da utilização de computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais. Ademais, a partir de 2015, foi possível incluir obras multimídias no edital para os livros distribuídos por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Até o momento desta pesquisa o governo não liberou resultados originados dessas ações. Entretanto, entende-se como iniciativas governamentais que podem promover a inserção de tecnologia nas escolas.

3.3 Consolidação do campo teórico da Educomunicação

Para Baccega (2009) o assunto comunicação/educação deve ser prioritário do campo das teorizações e acompanhando as tendências o campo teórico: Educomunicação vem se consolidando como uma área de pesquisa que é sustentada pela interrelação entre as áreas: comunicação e educação. Está cada vez mais evidente que nenhuma área do conhecimento conseguirá desenvolver-se sem se aprofundar nas relações com as tecnologias e com o mundo modificado pelo uso da Internet. Um exemplo que pode elucidar tal modificação é o avanço do ensino a distância e sua consolidação. Tal avanço exemplifica como essas duas áreas (educação e comunicação) dialogam e se complementam.

Para a autora Orifino (2006) o campo da mídia-educação é um campo científico de conhecimento e este possui reconhecimento e visibilidade internacionais e existem iniciativas em vários países. Para Soares (2000) esse campo firma-se principalmente na América Latina e contou com colaborações de filósofos da educação como: Celestin Freinet, Paulo Freire, ou da comunicação como Jesús Martín-Barbero.

Para Soares (2000), pode ser que no imaginário das pessoas a comunicação e educação têm campos de atuação bem demarcados e independentes, cumprindo tarefas específicas; comunicação realizando a difusão das informações, do lazer e da publicidade; a educação ocupando-se do saber para o desenvolvimento da sociedade. Porém, percebe-se, por meio da Educomunicação, que esses caminhos possuem uma inter-relação.

Soares (2000) ainda acredita que para a sobrevivência do novo campo de conhecimento é preciso ampliar o diálogo com outros discursos, ou seja, praticar a interdiscursividade. Assim, reconheceram-se alguns campos, em algumas áreas de intervenção social, tais como: a área da educação para a comunicação; a área da mediação tecnológica na educação; a área da gestão da comunicação no espaço educativo; a área de reflexão epistemológica sobre a inter-relação comunicação/educação como fenômeno cultural emergente. Essas áreas têm sido vinculadas ora pela comunicação, ora pela educação e, para Soares (2000), todas devem ser pensadas pela ótica da Educomunicação.

Configurando-se um espaço ainda de amplas pesquisas e diálogos acerca da temática, ou seja, o processo de consolidação do campo teórico está acontecendo e, conseqüentemente, pode auxiliar na popularização das mídias como uma ferramenta na educação.

Considerações finais

A inovação na educação é um assunto atual, assim como incluir no processo educacional a comunicação, as mídias e todo diálogo possível por meio da intercessão destas áreas. As mídias fazem parte de nosso cotidiano e, por isso, sua análise crítica deve ser incluída nos currículos escolares.

A atual BNCC Brasileira já elencou nas habilidades a serem desenvolvidas, na educação básica, a “Cultura Digital”, o que comprova avanços no campo educação/comunicação. Entretanto, ainda existem entraves para o desenvolvimento das tecnologias usadas na educação como o despreparo dos docentes, falta de compreensão da complexidade da temática e a pouca aceitação de que este é um assunto prioritário.

Para tornar a sala de aula interativa, e oferecer mais benefícios ao processo de aprendizagem, as mídias podem ser utilizadas por trazerem mais interatividade e exemplificações dos conteúdos a serem ensinados, alterando o processo formal baseado na transmissão do conhecimento pelo professor.

Portanto, não rejeitar as mídias e incluí-las na escola pode enriquecer o processo de aprendizagem, contextualizar o cotidiano do aluno, e formar cidadãos críticos e conscientes frente às mídias.

Ademais, mudar a educação é um assunto pertencente a toda comunidade escolar e a todo cidadão. É um assunto prioritário e emergente e que pode transformar a história de uma nação inteira, assim, os esforços para essa mudança sempre serão válidos.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido*. São Paulo: Zahar, 2004.
- BACCEGA, M. *Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica*. *Comunicação & Educação*, 14(3), 19-28. 2009
- BEHRENS, Marida Aparecida. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, José Manoel et. al. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2004.
- BELLONI, M. L. *O que é mídia-educação?* Florianópolis: Autores Associados, 2005.
- BRAGA, José Luiz & CALAZANS, Regina. *Comunicação e Educação: Questões delicadas na interface*. São Paulo: Hacker Editores, 2001.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc/>>. Acesso em: 15 maio 2018.
- BRASIL. *Portal MEC*. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-a-distancia-sp-2090341739/programas-e-acoas?id=244>> Acesso em: 27 maio 2018.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONNET, Jacques. *Educação e mídias*. Paris: Edições Loyola. 1997.
- GOSCIOLA, Vicente. *Roteiros para as novas mídias*. São Paulo: Senac. 2003.
- LIMA, Solange Martins Couceiro de. *Comunicação & Educação: um olhar para a diversidade*. In *Revista Comunicação e Educação*, ano XII , n.1, jan/abr.2007.
- MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, José Manuel (Org.). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 20. ed. Campinas: Papirus, 2013.
- OLIVEIRA, Márcio Romeu Ribas de. *O Primeiro Olhar: Experiência com Imagens na Educação Física Escolar*. 2004.177f. Tese (Mestrado em Educação Física) Centro de Desportos – Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/87662>>. Acesso: 04 jun. 2018.
- OROFINO, Maria Isabel. *Mídias e mediação escolar: Pedagogia dos meios, participação e visibilidade*. Cortez Editora. 2006.
- SILVA, Marcos. *Sala de aula interativa*. 3º edição. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: um campo de mediações*. In *Revista Comunicação & Educação*, n.19, p. 12-24, set/dez.2000.

Sobre as autoras

Bábarah Carolina Soares da Silva Costa Gomes - Possui graduação em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas pelo Centro Universitário UNA (2013) e graduanda do curso de Letras - Português pelo Centro Universitário Newton Paiva, previsão de término julho/2019 . Atualmente é auxiliar de coordenação pedagógica no Colégio Santa Maria Minas - unidade Coração Eucarístico e professora particular de Redação. Áreas de interesse: Educomunicação, Mídias e Educação. Belo Horizonte, MG. E-mail: barbarahcscosta@gmail.com.

Gleides Ander Nonato - Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Belo Horizonte (1989) e Pedagogia pelo Centro Universitário Newton Paiva (2018). É pós graduada - especialista em Língua Inglesa. Professora de língua inglesa do Colégio Batista Mineiro para o Ensino Fundamental e professora adjunta do Centro Universitário Newton Paiva. Atua também como professora de Inglês Instrumental para o curso de Comunicação, além de lecionar várias outras disciplinas para os cursos de Letras e Pedagogia desta mesma instituição. É professora orientadora de Trabalhos de Conclusão de Curso dos cursos de Letras e Pedagogia. É membro do Núcleo Docente Estruturante dos cursos de Pedagogia e Letras do Centro Universitário Newton Paiva. Sua carreira docente conta com mais de 35 anos de experiência em sala de aula dedicados à educação de crianças, jovens e adultos. Cursando pós graduação em Cultura e Literatura na Universidade Braz Cubas em São Paulo, com previsão de término em novembro /2018. Belo Horizonte, MG.E-mail: gleidesander@gmail.com.